

EA, SABERES TRADICIONAIS/ALTERNATIVOS

ISSN: 1887-2417
ISSN-e: 2386-4362

Prática cultural do fazer artesanato de cuia: inscrição de saberes ambientais *cultural practice of making crafts of gourd: registration of environmental knowledge*

Marinês de Maria Ribeiro Rodrigues e Maria das Graças da Silva. Universidade do Estado do Pará-UEPA (Brasil).

Resumo

O presente texto resulta de nossas vivências em trabalho de pesquisa junto a algumas unidades familiares da comunidade do Rio Quianduba, município de Abaetetuba/PA. A partir de uma abordagem qualitativa e com o uso da entrevista em profundidade o artigo descreve algumas formas de saberes culturais produzidos por mulheres que habitam áreas ribeirinhas no contexto da produção do artesanato da cuia. Os resultados revelam que na divisão sexual e social do trabalho essa atividade desenvolvida há muitas gerações na localidade é realizada, quase exclusivamente pelas mulheres, e que mesmo possuindo uma importância econômica, simbólica e medicinal está, gradativamente se perdendo o interesse, principalmente, entre os(as) jovens que não a valorizam como um trabalho socioeconômico. O estudo reflete sobre a importância de se preservar esses saberes, posto que contribuem para a dinamização de processos educativos ambientais no contexto familiar e da própria comunidade, e, além disso, dar visibilidade a esses saberes implica em romper e ultrapassar o entendimento da realidade que classifica preconceitosamente esses povos como atrasados e os seus saberes como menores e/ou sem valor, oportunizando assim, atitudes respeitadas em relação a eles e aos seus saberes culturais.

Astract

This text is the result of our experiences in research work along to some familiar units of the community of Quianduba, municipality of Abaeté River/PA. From a qualitative approach and with the use of the interview in depth article describes some forms of cultural knowledge produced by women who inhabit riverine areas in the context of the handicraft production of gourd. The results reveal that in sexual and social division of work this activity developed for many generations in the locality is carried out almost exclusively by women, and that even having a symbolic and economic importance, is medicinal, gradually losing interest, especially among the young people who do not flatter as a socio-economic work. The study reflects on the importance of preserving these knowledge, contribute to the promotion of environmental education processes in the family context and the community itself, and, in addition, dair visibility to these knowledge implies breaking and surpass the understanding of reality that classifies these people as backward and prejudicially his knowledge as minors and/or without value , providing thus, respectful attitudes towards them and their cultural knowledge.

Palabras chave

Saberes culturais. Mulheres. Prática artesanal da cuia

Key-words

Cultural Some. Women. Production of the craft of cuia

Introdução

O uso dos recursos naturais na Amazônia historicamente tem sido a base de sustentação para as populações locais. Os recursos da floresta se destacam por terem vários usos - na alimentação, na construção de moradias e embarcações, na medicina, nos cosméticos - fácil aceitação no mercado e preço acessível.

Dentre esses recursos se destaca o extrativismo da cuia -árvore cientificamente chamada de *Crescentia cujete*- que está inserido no cotidiano das mulheres da Comunidade *Quianduba* desde os tempos primitivos, atendendo as necessidades domésticas, como recipiente para armazenar ou transportar água do rio para utilizar no preparo dos alimentos ou para beber, como vasilha de beber água, guardar alimentos, fazer as refeições, entre outras, e terapêuticas que consiste no uso da casca e da flor para remédios que curam várias doenças.



Figura 1 – Cuieira, árvore que produz a cuia, fruto utilizado como matéria prima no artesanato das mulheres da comunidade Quianduba. Fonte: Pesquisa de Campo

O presente texto visa mapear e analisar alguns saberes culturais produzidos no contexto da feitura desse artesanato, com a intenção de contribuir para o reconhecimento e visibilidade das formas de saberes locais que, em geral, possibilitam a estruturação da sustentabilidade socioambiental a partir da centralidade do rio e da mata.

A comunidade ribeirinha Rio Quianduba pertence ao arquipélago fluvio-marinho do município de Abaetetuba, que está localizado na Microrregião de Cametá, também conhecida como Baixo Tocantins, onde os modos de viver e estar no espaço-tempo são marcados pelos rios, furos, igarapés e florestas de onde retiram grande parte do que necessitam para a reprodução material e simbólica do grupo familiar.



Figura 2 – Localização da comunidade Rio Quianduba no arquipélago fluvio-marinho do município de Abaetetuba. Fonte: Google maps

Nesse modo de vida peculiar ostentam valores humanos dos quais não abrem mão como a delicadeza, o respeito, o trabalho em mutirão, o espírito festivo, a alegria, a partilha, o acolhimento e a solidariedade, a sabedoria para sobreviver, a resistência

frente à luta pela terra e a interação com a natureza que lhes proporciona viverem com dignidade. Todo esse arcabouço de saberes e valores demarcam a diversidade e a multiculturalidade Amazônica (SILVA, 2002).

O presente estudo pautou-se por uma abordagem qualitativa etnográfica. Qualitativa porque se apresenta como uma abordagem que torna possível responder as questões particulares de uma comunidade e que não podem ser quantificadas como: motivos, crenças, valores, atitudes, entre outras, (DEMO, 2000) e etnográfica porque se refere à análise descritiva de saberes produzidos por uma comunidade rural, que como toda e qualquer comunidade humana possui um estilo de vida e uma cultura específica (MOREIRA E CALEFFE, 2006).

O levantamento de campo baseou-se em entrevistas com 10 mulheres artesãs enfocando perguntas relacionadas ao sistema produtivo, os saberes e práticas construídos no uso da cuieira, divisão sexual e social do trabalho, processos de socialização vinculados ao trabalho, além de observação.

Refletir sobre as formas de saberes culturais do fazer artesanato de cuia é significativo posto que, além de orientar as práticas socioambientais desses sujeitos, contribuem na resolução de problemas práticos e imediatos como a fabricação de “remédios caseiros” e de outras funções para a

unidade doméstica importantes para (re) produção do grupo familiar. E, além disso, podem se constituir importantes elementos nos usos dos recursos, pois estão vinculados às suas práticas, são heranças culturais que vão sendo ressignificadas no cotidiano por esses sujeitos, que possuindo ou não o conhecimento da leitura e da escrita, compartilham modos de vida que têm muito a contribuir na construção de novas diretrizes e práticas educativas contextualizadas na cultura local, e que para tomarem forma, precisam ser compreendidas e analisadas epistemologicamente.

A relação cultura e natureza no contexto do artesanato da cuia

De acordo com RIBEIRO (2006) os saberes sobre esse artesanato têm suas origens na cultura indígena de matriz étnica Tupi. Foi este grupo indígena que deu os primeiros passos da revolução cultural agrícola, pois detinham o conhecimento de plantas como a mandioca –antes selvagem e venenosa- da qual retiravam o ácido cianídrico, tornando-a comestível. Posteriormente, esses saberes foram interpenetrados pela cultura cabocla, presentes na Comunidade Rio Quianduba ainda hoje.

SILVA (2007) destaca que a vida das populações desse espaço está inundada e mar-

cada pela presença das águas, em cujo regime o domínio de determinados saberes são fundamentais, pois são os saberes e as formas de manejo que historicamente têm sido revelados no cotidiano dessas populações que têm proporcionado a perpetuação e a reprodução desses grupos sociais, haja vista que as técnicas desenvolvidas por eles ajudam na adaptação a um meio ecológico de alta complexidade.

Essas reflexões teóricas destacam a impossibilidade de se refletir sobre saberes culturais sem antes pensar epistemologicamente sobre a relação cultura e natureza. Segundo GEERTZ (1989) a cultura material e imaterial de um grupo social é antes de tudo a materialização do modo como se dá a organização social, a produção da identidade local, e isso implica na necessidade de conhecer de que forma o ser humano, no caso, os ribeirinhos amazônidas, na prática de suas atividades modificam a natureza e constituem-se sujeitos sociais da história cultural dessa região.

Para BRANDÃO (2005) somos a extensão da natureza e imprimimos nossas marcas através de nossas ações e concepções de mundo, pois,

Não somos intrusos no mundo ou uma fração da natureza rebelde a ela. Somos a própria múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial de vida: a vida humana. Da mesma maneira como boa parte dos animais, somos corpos dotados da ca-

pacidade de reagirem ao ambiente em que vivem e onde reproduzem, enquanto isto é possível, a vida individual e coletiva de sua espécie (BRANDÃO, 2005, p. 17).

Neste sentido, podemos compreender que, da relação dos seres humanos (no caso deste estudo os ribeirinhos amazônidas) com a natureza, emergem processos educativos que podem ser reconhecidos como possibilidade de transformação da situação de exclusão social e desigualdade em que vivem essas comunidades, como uma forma de resistência a lógica do capital e uma maneira de permanecer no campo com dignidade. Uma educação que compreende a diversidade social e cultural desses sujeitos, que ressignifica a sua cultura, que valoriza as suas formas diferentes de viver, hábitos, costumes, posturas, modos de trabalhar e produzir a sua existência, de se relacionar com as pessoas, de educar os filhos, a mística vivida no cotidiano, enfim, tudo o que forma os valores desses povos.

Diante disso, a compreensão da relação cultura e natureza muito tem a contribuir para pensar epistemologicamente os saberes que as populações tradicionais constroem, pois ampliam as lógicas educativas ao conceber as práticas e processos de formação que acontecem em territórios fora das estruturas curriculares da educação formal, como uma possibilidade de produção de conhecimentos que podem contribuir na mudança do panorama

diversificado e desigual a que essas populações são submetidas.

Prática artesanal de fazer cuiá: um mosaico de saberes

A produção literária a respeito das atividades culturais realizadas pelos povos que ocuparam a região amazônica desde os tempos primitivos revela que o cultivo da cuiá não tinha importância como fonte de renda, pois se configurava como uma prática voltada para produzir utensílios que atendessem as necessidades domésticas e também de uso medicinal que consistiam na utilização da casca e da flor dessa árvore para fazerem remédios que curavam várias doenças (RIBEIRO, 2006). Podemos observar que essas finalidades do uso da cuiá ainda estão presentes nos relatos das produtoras locais.

A casca da cuiá é boa pra fazer xarope pra quem tem tosse de guariba. A flor também da cuiá serve pra curar mijação que chama frieira né? A gente assa a flor da cuiá, espreme e mistura com um pouquinho de sal e passa é muito bom pra isso (...) serve como vasilha na cozinha, o botão da cuiá, a gente murcha ele, põe numa bonequinha de pano e espreme o leite, sai um leitinho branco e pinga dentro do ouvido, é muito boa pra dor de ouvido. A casca da cuiá ela é boa pra banho de mulher, ela é fresca (Interlocutora 1).

Nas comunidades tradicionais ribeirinhas a supremacia do uso de plantas medicinais no tratamento de doenças ainda é muito grande. Os saberes relacionados ao uso dessas plantas representam a própria saúde, pois o deslocamento para as cidades mais próximas em busca de tratamento clínico implica tempo, haja vista que o transporte fluvial é o único meio de acesso, o que demora, em média, entre duas a três horas, dependendo da localização geográfica da Comunidade.

SILVA (2007), analisando sociologicamente a vida cotidiana de povos ribeirinhos amazônicos infere que os seus comportamentos cotidianos são submissos à natureza, e no que se refere à saúde, a supremacia do uso de plantas medicinais ainda é muito grande, principalmente nos locais mais longínquos, e este distanciamento impõe dificuldades, que fazem com que essas populações busquem na medicina caseira e nas plantas medicinais que cultivam, o tratamento profilático para as doenças.

Em suas narrativas, as mulheres relatam que o aprendizado dessa prática vem passando de geração para geração. “A minha avó foi uma das primeiras que começou a trabalhar com cuiá, e a minha mãe aprendeu com ela e me ensinou também” (Interlocutora 3).

Nessa direção, referindo-se sobre a transmissão do conhecimento entre as populações tradicionais, AMOROSO (1996) de-

fende que a transmissão oral é o principal modo pelo qual o conhecimento é perpetuado. O conhecimento é passado no dia a dia durante diversas atividades que são efetuadas pelos grupos, o que faz que a transmissão entre gerações requeira contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos.

O fato de esse conhecimento obedecer há um processo genealógico feminino, nos leva a compreender que o artesanato da cuia na comunidade *Quianduba*, desde a sua gênese é realizado por mulheres sendo que a participação dos homens é ocasional. As crianças (meninos e meninas) e adolescentes entram na representação do trabalho como “ajuda” participam em diferentes etapas (coleta, retirada da cabaça, raspar, fazer a fita, tingir e por para secar), mas são principalmente as meninas as mais envolvidas. Isso acontece quando não estão na escola ou envolvidas nos afazeres domésticos.

É interessante observar como os usos dos tempos são organizados entre elas no processo de feitura do artesanato, principalmente no que se refere ao dia e a noite, como por exemplo: a coleta, por contar com a participação das crianças, só é realizada no período da manhã, quando o sol não está muito quente; a retirada da cabaça ocorre pela madrugada, pois se for realizada durante o dia, as artesãs são muito incomodadas por insetos que se aproximam da cabaça pelo cheiro; a raspagem

e o processo da feitura da fita, também por contar com a ajuda das crianças, só são realizados no período da tarde quando elas chegam da escola; o tingimento é feito durante a madrugada, pois o comatê (casca de árvore que produz o líquido utilizado para o tingimento) proporciona um cheiro forte, que incomoda, e sendo utilizado pela madrugada, até o amanhecer, o cheiro já não está tão forte; a secagem se dá naturalmente, após o tingimento.

Essa organização temporal também interfere na dinâmica da safra das culturas que precisa ser sincronizada, principalmente do açaí que se constitui como a atividade extrativista de maior importância na unidade familiar, e no tempo da colheita, as mulheres, além das atividades domésticas que realizam cotidianamente no lar, precisam ajudar os maridos (debulhando, arrumando as rasas, entre outras atividades), de maneira que se quiserem aumentar a produção do artesanato precisam trabalhar no período da madrugada.

AMARAL (2009), analisando as atividades desenvolvidas por mulheres em comunidades ribeirinhas, esclarece que, em geral, elas realizam suas atividades duplamente, dentro e fora de casa, essa duplicidade no ato do trabalho, significa que elas são duplamente exploradas. Nesse sentido, o autor infere que, entre os povos tradicionais o trabalho feminino é invisível, especialmente se for realizado dentro de casa. Por isso os trabalhos de cuidar da casa e

dos filhos são considerados trabalhos leves, e até não trabalho.

Também é importante enfatizar que, do ponto de vista epistemológico, o ensinamento do artesanato da cuia integra os mesmos princípios, objetivos e bases conceituais dos processos educativos não formais, os quais, segundo GONH (1999, p. 02):

Estão para além dos muros da escola, são construídos no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas, em outras palavras, reaviva os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, considera-os como fazendo parte da bagagem cultural de cada um, respeitando-a, valorizando-a e transformando-a numa oportunidade de exercício de libertação.

Reconhecer essa prática cultural como uma dimensão dos processos educativos não formais é condição para compreender o sentido da educação para os ribeirinhos da comunidade *Quianduba* que se fundamenta no compartilhamento das experiências sobre o meio em que vivem.

Na pesquisa de campo, observamos que um dos primeiros processos educativos que emergem da feitura do artesanato da cuia na comunidade *Quianduba* tem relação com a prática da observância da maré, pois os terrenos são banhados por igarapés que secam, o que exige que o

transporte da matéria prima seja realizado via água, em embarcações de pequeno porte, obedecendo à dinâmica da maré.

O fato da realização dessa atividade obedecer à dinâmica da água tem contribuído para que as mulheres artesãs da comunidade *Quianduba* se tornem hábeis observadoras dos ciclos lunares se adaptando as modificações da maré, pois as atividades concretas do cotidiano da feitura desse artesanato são determinadas pelo movimento das marés (que regula seus horários e comportamentos) e é no vai e vem das águas (enchentes e vazantes) que se dá a reprodução da vida social e da experiência cultural dessas mulheres num cotidiano que se realiza de maneira coletiva.

FREIRE (1981), também ajuda a compreender essa concepção de educação que segundo ele deve ser pensada a partir do contexto sócio histórico, natural e cultural dos sujeitos, que é fruto da construção coletiva, mediada dialogicamente, que propõe aos sujeitos o desafio de cultivar uma postura crítica diante do mundo, que os incentiva a ter compromisso em assumir-se enquanto seres curiosos diante dos fatos, realidades e fenômenos que constituem a sua própria vida.

Nesse sentido, a prática cultural do artesanato da cuia possui uma dimensão educativa, que demarca interesses, identidades sociais e coletivas, que se apresen-

ta como uma garantia de ampliação das possibilidades de homens e mulheres que habitam o território rural ribeirinho criarem e recriarem as condições de existência nesse território.

Questionadas sobre a valorização desses saberes acumulados na comunidade, as mulheres afirmam que eles estão se perdendo, principalmente entre as jovens.

Agora que já está mudado que é muito difícil a gente ver as pessoas usando esse tipo de remédio, só querem saber dos remédios da farmácia, mas a minha mãe nos criou com esses remédios e eu uso também com os meus filhos. Agora, as moças não querem mais saber de aprender a fazer esses remédios, só querem comprar pronto na farmácia, mas esse tipo de remédio já salvou muita gente da morte aqui (Interlocutora 1).

Esse desinteresse das jovens ribeirinhas pelo trabalho na produção da cuia é analisado por CALDART (2002) que considera como resultado dos conflitos existentes no contexto atual do campo, engendrados pelo avanço da ciência que tem modificado os modos de vida dos povos tradicionais, por meio, principalmente, das novas tecnologias.

Dentro desse contexto, é interessante recorrer às argumentações de DIEGUES (2000) que aponta para o perigo da perda de conhecimento sobre plantas por populações tradicionais, em função do acele-

rado processo de aculturação, posto que esses conhecimentos se constituem como importantes componentes na conservação dos ecossistemas naturais.

SILVA (2007) também infere que esses saberes não podem se perder, pois se constituem como estratégia para o desenvolvimento sustentável, emergem da relação do ser humano com a natureza, da situação histórica particular de cada comunidade, das expectativas, dos anseios e das necessidades dos que vivem no campo.

Assim, ao analisar os saberes produzidos no cotidiano de vida e de trabalho das mulheres artesãs de cuia da comunidade Rio Quianduba, além de valorizar a forma de produção do saber que é construída por meio da relação natureza e cultura, ratifica a própria noção de sustento local ambiental ribeirinho que contraria os valores de consumo da sociedade hegemônica capitalista desenvolvimentista e não sustentável.

As ideias de LEFF (2001) também destacam a importância de se valorizar saberes e processos educativos singulares de populações que se encontram distantes dos centros urbanos, que vivem desenvolvendo relações com a natureza baseadas na necessidade de usar e preservar os recursos naturais, posto que eles contribuem para a dinamização de processos educativos no contexto familiar e da própria comunidade que possibilitam formas inovadoras de gestão ambiental.

Embora esse artesanato tenha começado a se desenvolver na comunidade por necessidades domésticas, com o advento da modernidade a produção passou a ter valor comercial, ou seja, as mulheres passaram a ganhar dinheiro vendendo o artesanato para ser usado como tigelas para tomar tacacá – uma bebida típica da região – mingau e outros alimentos apreciados em todo o Estado do Pará, e também como objetos de decoração como podemos observar na figura abaixo:

Dessa forma, o trabalho na feitura do artesanato da cuia para as mulheres ribeirinhas da comunidade Quianduba possui um valor tanto econômico quanto simbólico, como podemos observar na fala da entrevistada.

Eu me sinto independente, quer dizer, não é uma independência de dizer que eu me mando, não é assim porque eu tenho o meu marido né? Mas o meu dinheiro é pra tudo, por isso eu me sinto feliz de ajudar pra comprar as coisas da casa, o que a gente precisa que ele não pode comprar, eu me sinto feliz de saber que eu posso ajudar, que eu tenho com o que reagir e, além disso, esse trabalho me lembra os tempos antigos, da minha vó, da minha mãe, ele é importante para mim (Interlocutora 4).

A importância econômica dessa cultura se justifica porque com o dinheiro da produção elas colaboram nas despesas da casa e a importância simbólica, porque, lembrar essas histórias é resgatar as

raízes que foram fincadas na comunidade e que dão sentido e vida em um agrupamento social.

Considerações finais

Apesar do evidente domínio epistemológico que a ciência tem como determinante do que deve ser aceito como conhecimento verdadeiro, as análises realizadas no presente texto mostram, embora sumariamente, que as populações ribeirinhas da Amazônia, não só possuem, como conduzem suas vidas, a partir dos mais diversos tipos de conhecimentos, que se não têm o status da ciência, têm servido ao longo de séculos para a sobrevivência desses povos. Diante disso, é inegável a importância de (re)conhecer diferentes formas de saberes, porque o contrário disso, seria como afirma SANTOS (1997, p. 12) “*cuspir no próprio prato da aventura humana na terra*”.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Januário; NASCIMENTO SILVA, M^a das Graças Silva; SOUZA, Mariluce Paes (Orgs). Pesquisa na Amazônia: Intervenção para o Desenvolvimento. Porto Velho/RO: Edufro, 2009.
- AMOROZO, M. C. de M. 1996. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org). Plantas medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo. EDUSP. p. 47-68.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação? São Paulo: Loyola, Coleção Primeiros passos. 2005.
- CALDART, Roseli. S. Por uma Educação do Campo: Traços de uma identidade em construção. In: Por uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. V. 4. Brasília, 2002.
- DEMO, Pedro. Pesquisa: princípio científico e educativo. 7ª Ed. São Paulo Cortez, 2000.
- DIEGUES, A. C. 2000. Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza. NAQUPUB – núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras. São Paulo. USP. 289 p.
- FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade, 5, ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GEERTZ, Clifford, O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis/RJ:Vozes, 1998.
- GOHN, M.G. Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.
- LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. Trad. Sandra Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturada. Ed. 7ª. Petrópolis: VOZES, 2004.
- MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOREIRA, Herivelton e CALEFFE, Luís Gonzaga. Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador. DPCA editora. Rio de Janeiro, 2006.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Racionalidade Científica Contemporânea (mimeo). Belém: UEPA, 2012.
- PAIS, Jose Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- RIBEIRO, Karla Tereza Silva. Águas e condições de vida na zona rural de Salvaterra, Marajó-PA. In: Simões Maria do Socorro (Org.) Campos flutuante: rumo ao Marajó Belém: NUMA/UFPA, 2007 p. 111-123. RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 6ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Souza. O Paradigma Emergente. Um discurso sobre as ciências. 9ª e. Porto: Afrontamento, 1997 (p.36 a 58).
- SILVA, Josué da Costa. et al. Nos Banheiros do Rio. Porto Velho: Edufro, 2002.
- SILVA, Maria das Graças da. Práticas Educativas Ambientais, Saberes e Modos de Vida Locais. Revista Cocar, V 01 n° 1 jan/jun 2007.
- SILVA, Maria das Graças da; CABRAL, Maria da Conceição R. Educação Ambiental: abordagens teórico-conceituais e perspectivas práticas. Série Cadernos de Alfabetização Científica/Projeto Alfa ciência. v 1, Belém: MPEG, 2004.
- SILVA, Maria das Graças S. N. O Espaço Ribeirinho. Porto Velho: Terceira Margem, 2003.